



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO
MEMORIAL DE PROJETO FINAL**

**‘E AGORA, COMPANHEIROS?’:
o futuro do partido que viveu a glória e o caos**

RENAN MELO XAVIER

**BRASÍLIA - DF
JUNHO DE 2017**

RENAN MELO XAVIER

‘E AGORA, COMPANHEIROS?’:
o futuro do partido que viveu a glória ao caos

Memorial descritivo do produto apresentado
à Faculdade de Comunicação da
Universidade de Brasília, como requisito
parcial para a obtenção do título de bacharel
em Comunicação Social com habilitação em
Jornalismo.

Orientadora: Prof. Dra. Márcia Marques

BRASÍLIA - DF
JUNHO DE 2017

RENAN MELO XAVIER

‘E AGORA, COMPANHEIROS?’:
o futuro do partido que viveu a glória ao caos

Memorial descritivo do produto apresentado
à Faculdade de Comunicação da
Universidade de Brasília, como requisito
parcial para a obtenção do título de bacharel
em Comunicação Social com habilitação em
Jornalismo.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Márcia Marques
ORIENTADORA

Prof. Msc. Paulo José Araújo da Cunha
MEMBRO

Msc. Sylvio Costa
MEMBRO

Prof. Dr. Zanei Barcellos
SUPLENTE

BRASÍLIA - DF
JUNHO DE 2017

AGRADECIMENTOS

Não há a menor chance de não começar esses agradecimentos sem que não sejam destinados aos maiores mentores dessa caminhada de cinco anos na Universidade de Brasília: José Ronaldo Xavier e Nazaré Fátima Melo Gomes, muito obrigado! Pai e mãe, daqui em diante, o desafio será outro. A única certeza que tenho é que sempre trabalharei para honrar o nome que me deram e que tenho orgulho de assinar seja lá onde for. Meu nome é Renan Melo Xavier e vocês sempre estarão juntos comigo nesta caminhada. E é bom demais saber que eu posso ir o mais longe que puder, mas ter a certeza que quando voltar sempre teremos um bom café, leite e pão para compartilharmos nossas alegrias.

Aos amigos da faculdade, muito obrigado. Poderia não citar, mas quero deixar alguns registrados:

Késia, Malou, Malu Fialho, Luiza, TX, Bruno e Gleydson: obrigado por sempre estarem dispostos a me ouvir, mesmo sabendo que não tenho algo muito interessante para apresentar.

Priscila, Scarlett, Daniel, Fabi, Nayara e Maria Vitória, se não fosse vocês, não teria passado seis semestres como aluno de Comunicação Organizacional. Vocês são incríveis.

Pâmella Moraes, teu projeto me inspirou e cá estou apresentando meu. Olhe ao teu lado e tenha certeza que você contagia muito mais pessoas que possa imaginar.

Carolina Garcia, se você não tivesse me apresentado aquele formulário de inscrição para a Doisnovemeia, eu realmente não tenho ideia de qual caminho eu teria tomado. Você não veio ao mundo à toa.

E Pedro Henrique Santos, muito obrigado por não ter desistido. Tua caminhada já é histórica.

Ao Daniel Caixeta e ao Leonardo Sousa: muito obrigado pela paciência e apoio na realização deste trabalho. Tenham certeza: muitos Renans ainda baterão na porta de vocês.

À minha orientadora, Márcia Marques, obrigado por topar orientar um projeto que nasceu e se desenvolveu na incerteza do futuro. Com suas orientações, produzimos um bom registro sobre nossos tempos e poderemos usar as ideias para construir projetos cada vez melhores.

Meu último agradecimento é geral, destinado a um lugar muito importante para mim: Santa Maria. Ao longo desses cinco anos na Universidade de Brasília, vivi situações bastante contraditórias e conflitantes. Não é fácil ser um estudante da periferia em uma instituição ainda elitizada. Desde 2012, me deparei diariamente com mundos completamente opostos. Na mesma faculdade, na mesma área de convivência, em sala de aula, há quem conte moedas para necessidades e quem conta moedas para desejos.

Mas onde entra Santa Maria nisso?

Não importava como tinha sido meu dia. Eu poderia ter almoçado no Restaurante Universitário ou com uma fonte no Congresso Nacional, mas sempre voltava no mesmo ônibus, com as mesmas pessoas, no meu real universo. E nas expressões dos rostos, o cansaço e a satisfação de ter cumprido mais um dia de trabalho. E a correria do dia a dia é provocada por essas pessoas: gente que não desiste e que vai atrás da mudança (nem que seja individual).

*“A vida não me chegava pelos jornais nem pelos livros
Vinha da boca do povo na língua errada do povo
Língua certa do povo
Porque ele é que fala gostoso o português do Brasil”*

Manuel Bandeira
(fragmento retirado do texto *Evocação do Recife*)

RESUMO

Este é o memorial descritivo do projeto “E agora, companheiros?: o futuro do partido que viveu a glória e o caos”. O projeto é uma grande reportagem em múltiplas linguagens como texto e vídeo em uma única plataforma. Este projeto questiona como o Partido dos Trabalhadores avalia o presente e analisa o futuro da legenda. É um projeto que cruza produtos audiovisuais com textos por meio de uma plataforma online. Este produto ouve o que diz lideranças do partido, mas principalmente, dá voz às militâncias petistas que compõem e caracterizam as minorias do país. O projeto está disponível em <http://www.eagoracompanheiros.com>.

Palavras-chave: PT, Partido dos Trabalhadores, Luiz Inácio Lula da Silva, Dilma Rousseff, Impeachment, webjornalismo

ABSTRACT

This is the descriptive memorial of the project “E agora, companheiros? o futuro do partido que viveu a glória e o caos”. The project is a great report in multiple languages for different platforms, such as text and video. This project questions how the Partido dos Trabalhadores evaluates the present and analysis the future of the political party. It is a project that crosses audiovisual products with texts through an online platform. This product hears what the party leaders say, but mainly, it gives voice to the PT militants that make up and characterize the minorities of the Brazil. The project is available at <http://www.eagoracompanheiros.com>.

Key words: PT, Partido dos Trabalhadores, Luiz Inácio Lula da Silva, Dilma Rousseff, Impeachment, webjornalismo

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	10
2. PROBLEMA DE PESQUISA	12
3. JUSTIFICATIVA.....	13
4. OBJETIVOS.....	15
4.1. Objetivo Geral	15
4.2. Objetivos Específicos	15
5. REFERENCIAL TEÓRICO	16
5.1. Multimedialidade	16
5.2. Webtelejornalismo	17
5.3. Partidos trabalhistas no Brasil	17
5.4. O PT.....	18
5.4.1. As primeiras corridas presidenciais.....	20
5.4.2. A vitória de 2002	21
5.4.3. A candidatura da “presidenta”	23
5.4.4. A queda da primeira presidente mulher	25
5.4.5. “Pequenos” e grandes escândalos.....	27
5.4.6. As correntes do PT.....	30
5.4.7. O que esperar do PT para 2018?.....	31
6. METODOLOGIA.....	31
6.1. A pauta	31
6.2. 6º Congresso Nacional do PT – Marisa Letícia Lula da Silva.....	32
6.3. Contatos e assessorias	34
6.4. Equipamentos.....	36
6.5. O produto final	36
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	39
8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	40

1. INTRODUÇÃO

O Brasil atravessa em 2017 o período mais conturbado de sua história política moderna. Um furacão de denúncias de corrupção abateu-se especialmente sobre os agentes públicos e empresários que movimentam os plenários, gabinetes e salões da Esplanada dos Ministérios e região. Esse movimento tem na Operação Lava Jato – encabeçada pela Polícia Federal, pelo Ministério Público Federal e pela Justiça Federal – o auge das investidas contra esses personagens.

E em meio às denúncias, os grandes partidos se veem na tentativa de sobrevivência política. A lista traz nomes de partidos históricos como o PMDB (Partido do Movimento Democrático Brasileiro), o PSDB (Partido da Social Democracia Brasileira) e o PP (Partido Progressista), e de legendas com pouca expressão, como o PTC (Partido Trabalhista Cristão)¹. E no centro desse furacão está o Partido dos Trabalhadores, o PT.

Embora a militância questione o tratamento dado à cobertura da mídia e sobre a qualidade de denúncias sem provas ligadas diretamente aos petistas, não se deve deixar de lado o fato que dois ex-presidentes da República investigados por corrupção são filiados à legenda. figuras de Luiz Inácio Lula da Silva e de Dilma Vana Rousseff sintetizam tanto a glória quanto o caos vividos por aquele que é considerado o maior partido de esquerda da América Latina.

O partido que ficou 13 anos e cinco meses no mais alto cargo do Poder Executivo nacional se vê hoje no desafio de se recolocar em espaços perdidos. De 2003 a maio de 2016 (período em que efetivamente o partido ocupou a chefia do 3º andar do Palácio do Planalto), o PT acumulou manchetes com denúncias e escândalos envolvendo figuras-chave da legenda.

Após vencer quatro eleições e acumular 221.342.053 votos na decisão presidencial², o PT se perdeu nos diálogos com a oposição, viu desafetos ganharem espaço, e perdeu o cargo mais importante do Executivo federal. Em um processo que muitos classificam como “golpe”, o partido perdeu aliados no Congresso Nacional e foi retirado do poder com os votos de 367 deputados e de 61 senadores³.

¹ Fonte: Poder360 – Lista de investigados na Operação Lava-Jato após Lista de pedidos de inquérito do ministro do STF, Luiz Edson Fachin: <http://www.poder360.com.br/wp-content/uploads/2017/04/ListaporEstados.pdf>

² Fonte: Sistema de Divulgação de Candidaturas e Contas Eleitorais (Divulgacand) do TSE (Tribunal Superior Eleitoral): <http://divulgacandcontas.tse.jus.br/divulga/#/>

³ Fonte: O Globo – Placar do Impeachment: <http://infograficos.oglobo.globo.com/brasil/o-placar-do-impeachment.html>

Semanas depois de Dilma Rousseff perder oficialmente o posto de presidente da República, no primeiro teste nas urnas, o PT perdeu 59,87%⁴ das prefeituras que havia ganhado quatro anos antes.

Em 2017, um ano após o impeachment de Dilma Rousseff, o PT chega aos 37 anos de fundação com a missão de reconquistar a confiança de seus eleitores. “*E agora, companheiros?*” é um projeto de reportagem que se propõe a levantar questionamentos sobre o futuro do partido. O que as lideranças e a militância pensam e têm a dizer sobre o futuro do partido? O que pensam as minorias dentro do partido? Mulheres, negros, a juventude do partido e os coletivos LGBTs têm queixas e querem ser ouvidos. De antemão, antecipo que a avaliação sobre a necessidade do partido de retomar o olhar para esses grupos é geral.

Durante a idealização desse projeto, o PT realizou seu 6º Congresso Nacional⁵, nomeado com o nome da ex-primeira-dama do Brasil, Marisa Letícia Lula da Silva, morta em fevereiro de 2017. O objetivo: alinhar discursos e eleger a nova Executiva Nacional do partido.

No pós-impeachment da primeira presidente eleita democraticamente no país, o PT levanta o discurso sobre as mulheres e elege a primeira presidente nacional do partido, a senadora paranaense Gleisi Hoffmann. E a escolha pela ex-ministra da Casa Civil do governo Dilma não foi à toa. Gleisi recebeu amplo apoio de Lula.

O PT tem evitado falar oficialmente sobre a candidatura de Lula em 2018, mas, sim, ele é candidato. E esse é outro questionamento que “*E agora, companheiros?*” traz: Lula sendo pela 6ª vez candidato à Presidência da República, onde vai parar o discurso da renovação política?

Este projeto também é um desafio para mim. Em tempos de dinamização do jornalismo, tive que sair do lugar comum e dialogar com novas tecnologias e meios aos quais não estava acostumado.

“*E agora, companheiros?*” é um registro temporal. Tem por objetivo ser fonte de informação sobre o atual contexto político do qual o Brasil, e principalmente o PT, passa, que é a dúvida.

⁴ Fonte: revista Carta Capital. <https://www.cartacapital.com.br/politica/em-4-anos-pt-perde-60-das-prefeituras>

⁵ Fonte: PT – 6º Congresso Nacional Marisa Letícia Lula da Silva: <http://www.pt.org.br/6o-congresso-nacional-do-pt/>

2. PROBLEMA DE PESQUISA

Quando idealizei esse projeto, meu principal desafio foi derrubar pré-conceitos sobre o Partido dos Trabalhadores e sobre o sistema de sobrevivência política no Brasil. Ao longo da graduação, fiz estágios que me apresentaram à temática do jornalismo político. No entanto, a prática é limitada à cobertura do alto escalão.

A cobertura sobre o que diz e pensa a base partidária e a militância que carrega as bandeiras e cola cartazes ganha destaque apenas durante o período eleitoral. Em nível nacional, isso ocorre apenas de quatro em quatro anos.

Fazer cobertura política necessita de tato. Não adianta você ter boas intenções ou “a pergunta chave que vai derrubar o governo” se você não tem experiência. A cobertura dos bastidores de Brasília requer sola de sapato.

Sendo assim, ao girar pelo Congresso Nacional, percebi que um dos grandes problemas que eu iria enfrentar na realização deste projeto era, sem dúvida, me apresentar como imprensa. Não importa se é um produto acadêmico, lideranças, grandes nomes de partidos sempre apresentarão dificuldades para uma entrevista ou uma informação *em off*.

Não adianta nada saber como funciona um ambiente legislativo se o repórter não dialoga com os parlamentares e não possui fontes em suas assessorias e em suas bases de trabalho.

Diante de muitas dificuldades com congressistas, analisei mais a fundo e percebi que estava fazendo um projeto sobre o Partido dos Trabalhadores. Eu precisava ouvir o que essas pessoas têm a dizer. E mesmo sendo mais desconhecidos, eles também apresentaram dificuldades para conceder entrevistas.

3. JUSTIFICATIVA

Esse projeto surge como uma alternativa de registro de um momento tão específico da atualidade tanto para o país, mas principalmente para o PT, que é a dúvida: o que será daqui para frente?

Como dito anteriormente, esse projeto é um desafio acadêmico e profissional para mim. Vivemos tempos de ampliação e dinamização da comunicação, proporcionada principalmente pelos ambientes digitais. Como jornalista, devo estar preparado para assumir e encarar missões que têm se diversificado cada vez mais. Hoje em dia, o profissional se depara com a necessidade de ser múltiplo.

Nunca pensei em investir ou explorar o universo do telejornalismo ou no webtelejornalismo, mas as propostas recentes de adaptação foram um gancho para a realização deste projeto.

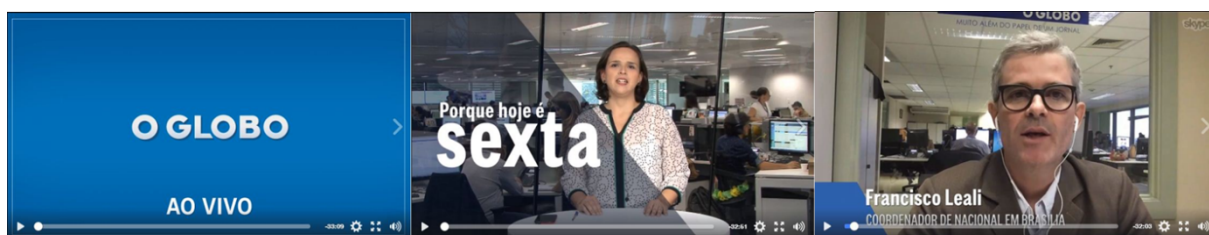
As redes sociais, por exemplo, têm apresentado possibilidades de transmissão de informações em tempo real, seja por meio de textos, imagens ou vídeos (isso inclui exibições ao vivo). Os profissionais que pensam em atuar em veículos exclusivamente de texto podem ser escalados para novas práticas, como ocorre em veículos como o portal *G1* e os jornais *O Globo* (Rio de Janeiro) e *Gazeta do Povo* (Curitiba).

Figura 1: reprodução da transmissão ao vivo de conteúdo do portal G1 no Facebook



Crédito: Montagem | Reprodução

Figura 2: reprodução da transmissão ao vivo do jornal O Globo no Facebook



Crédito: Montagem | Reprodução

Figura 3: reprodução da transmissão ao vivo do jornal Gazeta do Povo no Facebook



Crédito: Montagem | Reprodução

Além disso, há o crescente interesse no tema. Pisei em uma redação pela primeira vez para trabalhar em 18 de fevereiro de 2015 (uma Quarta-feira de Cinzas). Foi na *TV Record* de Brasília meu primeiro estágio em jornalismo. Lá, atuei na cobertura online do antigo portal *R7 DF*. Embora a produção fosse local, não podia deixar de acompanhar o noticiário nacional. Foi nessa época que o então deputado Eduardo Cunha (PMDB-RJ) era alçado ao cargo de presidente da Câmara.

De lá para cá, o interesse no jornalismo político aumentou. O segundo estágio foi estratégico: a assessoria institucional e setor de visitação do Congresso Nacional. Foi lá que caiu a ficha sobre a importância do acompanhamento de matérias legislativas. Nesse período, Eduardo Cunha confirmou a retirada de apoio a Dilma Rousseff e iniciou uma ofensiva pró-impeachment da presidente.

Mas foi no terceiro estágio que cheguei ao auge do interesse na cobertura política nacional. No jornal *O Globo* acompanhei e ouvi histórias dos bastidores dos plenários e gabinetes da Esplanada dos Ministérios. Foi o meu primeiro contato direto com fontes e personagens importantes do andamento político da época.

Lá, fiz parte das coberturas do impeachment de Dilma Rousseff e da cassação do mandato de Eduardo Cunha. Durante os 12 meses do programa de estágio, percebi que a cobertura sobre política deve ir além do alto e do baixo clero em Brasília. Aprendi que o jogo político e as articulações nos bastidores pode mudar tudo, inclusive o voto de um deputado considerado aliado a Cunha que o poderia salvar no processo de cassação do então presidente da Câmara⁶.

Agora, no quarto estágio em jornalismo, no incipiente *Poder360* veio a conclusão de que a política é, de fato, o meu maior interesse na prática jornalística. No portal amadureci a ideia de que é necessário traduzir características da seara do Poder Público para o cidadão comum.

⁶ Fonte: *O Globo: Traição de aliado sinaliza a perda de poder de Cunha*. 15/06/2016. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/brasil/traicao-de-aliado-sinaliza-perda-de-poder-de-cunha-19506532>

4. OBJETIVOS

4.1. Objetivo geral

Produzir uma grande reportagem multimídia com foco em vídeo e textos com a avaliação de petistas sobre o atual momento do PT e o que esperam do futuro do partido.

4.2. Objetivos específicos

1. Pesquisar o histórico do PT, considerando as formações internas do partido;
2. Produzir entrevistas com lideranças e com militantes que compõem a base da legenda;
3. Elaborar uma pauta de grande reportagem que contemple a diversidade interna do partido, como as correntes que o compõem.

5. REFERENCIAL TEÓRICO

5.1. *Multimídia*

Esse projeto se apresenta como uma reportagem multimídia que busca analisar o futuro de um partido político, o PT. E quando falamos em internet, ela nos proporciona alternativas que podem ser ramificadas de acordo com a ideia inicial. Em “E agora, companheiros?”, a proposta inicial era apenas uma grande reportagem audiovisual que seria publicada através do *YouTube*. Com o decorrer do projeto, ideias surgiram e análises sobre a complementação de conteúdos foram apresentadas.

Algumas informações apresentadas no produto final não teriam espaço em uma reportagem de vídeo. O tempo, espaço e linguagem seriam prejudicados caso essas informações fossem ditas. Baseado em conceitos como o de Javier Díaz Noci (2004, p.18), de que a multimídia é *“a capacidade de processar e difundir mensagens que integram diversos códigos linguísticos – textuais, visuais e sonoros - e apresentam uma unidade comunicativa”*, o projeto será aplicado com textos e fotos, além, claro, dos vídeos produzidos.

As redações hoje em dia, estejam elas onde for, buscam explorar cada vez mais esse tipo de produção. As inovações tecnológicas passaram a ser combustíveis para prender a atenção do leitor. Conforme QUADROS, QUADROS JR e MASIP (2010) lembram, esse movimento de multimídia também é resultado da forma de comunicação das redes sociais. O usuário faz seu login, publica um vídeo ou foto e pode complementar a imagem com textos.

O aumento de consumo de vídeos na internet tem transformado muitas formas de fazer webjornalismo. Primeiro, são utilizados vídeos de terceiros ou parte da produção televisiva de um mesmo grupo empresarial formado por diferentes meios de comunicação. Depois, quando se pretende utilizar uma linguagem audiovisual que explore a característica da multimídia, os cibermeios investem em estúdios próprios e passam a exigir dos profissionais outras habilidades.

(QUADROS; QUADROS JR; MASIP; 2010, p. 168)

Esse projeto se debruça sobre a ideia de *hipermídia*. Conforme apresentada por Miranda, ela é a proposta que traz a “combinação da informação

em suas múltiplas dimensões – texto, áudio, imagem estática ou em movimento – para gerar um conteúdo de lógica discursiva não linear”.

5.2. Webtelejornalismo

O webtelejornalismo se apresenta como uma alternativa de sedução da atenção do leitor nos portais de notícias. Em meio a ambientes com textos e fotos, uma imagem em movimento pode tornar um ambiente de informações mais simples e atrativo. Conforme Renault (2013) ressalta, “a ação do webtelejornal no ciberespaço pode ser caracterizada pelo transbordamento”:

“No conjunto de conclusões apontadas pela análise deve ser destacado que a ação do webtelejornal no ciberespaço pode ser caracterizada pelo transbordamento, ou seja, ele é um cibermeio que possibilita a expansão da informação audiovisual graças às possibilidades hipertextuais de conexão. O webtelejornal possibilita a expansão da reportagem ao levá-la para um ambiente em rede, no qual informações apuradas jornalisticamente e imagens produzidas por repórteres cinematográficos reverberam pela ação dos internautas em formas materializadas, entre outras, pelas redes sociais. Trata-se de reverberação diversa da possibilitada pela televisão, que se dá pela interação ao longo do tempo.” (RENAULT; 2013; p. 247)

Em meio a esses ambientes multimídiais, o desafio de se reinventar como jornalista, conforme aponta Paternostro:

A chegada de uma nova tecnologia sempre é um desafio, pois é preciso abandonar um sistema já dominado e partir para o desconhecido, é o momento da experimentação, dos erros e acertos, da busca de novos modelos e padrões. (PATERNOSTRO; 2006, p. 64)

5.3. Partidos trabalhistas no Brasil

O PT – o objeto de estudo deste projeto – é um partido que segue, pelo menos no papel, doutrinas ligadas ao movimento trabalhista. É uma vertente política

que surgiu na Inglaterra durante a Revolução Industrial com o objetivo de defender representantes do movimento operário em curso.

O Brasil possui, atualmente, oito partidos regidos sob a essência do trabalhismo. São eles: PTB (Partido Trabalhista Brasileiro), PDT (Partido Democrático Trabalhista), PTC (Partido Trabalhista Cristão), PT do B (Partido Trabalhista do Brasil), PRTB (Partido Renovador Trabalhista Brasileiro), Solidariedade, o Podemos [ex-PTN (Partido Trabalhista Nacional)], além, claro, o PT.

No entanto, diante de episódios marcados pela atualidade, é difícil alguns desses partidos ainda se encaixarem como defensores do trabalhismo (vide reformas da Previdência e trabalhista promovidas pelo governo de Michel Temer). Partidos mais à esquerda, como o PSOL (Partido Socialismo e Liberdade) e a Rede Sustentabilidade têm demonstrado serem mais defensores dos trabalhadores do que legendas citadas acima.

5.4. O PT

As primeiras ideias para a criação de um partido que representasse a classe trabalhadora surgiram em 1978 durante movimentos grevistas do Grande ABC paulista. Uma das lideranças sindicais da época, Luiz Inácio da Silva, o Lula, participava de um congresso de trabalhadores de empresas de petróleo em Salvador (BA), quando lançou pela primeira vez a proposta de criar o PT.

O mesmo Lula que, até junho de 1978, confessava não estar interessado em fazer política agora surpreendia a esquerda e a direita propondo o PT. A esquerda historicamente organizada não queria admitir o fato, por se considerar no direito de se autoproclamar “vanguarda do proletariado”. Além disso, via Lula como um dirigente ideologicamente indefinido ou suspeito, pois não rezava por nenhuma das cartilhas comunistas em voga no país. (BETTO, 2003, p. 54)

O país atravessava um processo que marcava o começo do ocaso da ditadura militar, ainda que de forma lenta e gradual.

A luta dos movimentos sociais, a campanha por anistia aos atingidos

pela Lei de Segurança Nacional, o fracasso da política econômica do governo exigiam um novo ordenamento político compatível com os princípios elementares da democracia. O retorno dos exilados políticos ao país abria o debate em torno da reformulação do quadro partidário, desde 1964 reduzido à bipolaridade entre o partido da ditadura e a oposição consentida, limitada pelo casuísmo eleitoral. (BETTO, 2003).

Em janeiro de 1980, cerca de 80 congressistas reuniram-se em um hotel de São Bernardo do Campo (SP) com o objetivo de discutir as propostas apresentadas para a criação da legenda. Eis que, dias depois, em 10 de fevereiro de 1980, o Partido dos Trabalhadores foi fundado no Colégio Sion, em São Paulo (SP). Em manifesto⁷, os fundadores relataram a “necessidade sentida por milhões de brasileiros de intervir na vida social e política do país”.

A grande maioria de nossa população trabalhadora, das cidades e dos campos, tem sido sempre relegada à condição de brasileiros de segunda classe. Agora, as vozes do povo começam a se fazer ouvir através de suas lutas. As grandes maiorias que constroem a riqueza da nação querem falar por si próprias. Não esperam mais que a conquista de seus interesses econômicos, sociais e políticos venha das elites dominantes. Organizam-se elas mesmas, para que a situação social e política seja a ferramenta da construção de uma sociedade que responda aos interesses dos trabalhadores e dos demais setores explorados pelo capitalismo. (MANIFESTO)

O encontro reuniu, de acordo com registros do jornalista e sociólogo Perseu Abramo, cerca de 2,2 mil pessoas de 18 estados diferentes. Em seu manifesto, os petistas apresentaram suas pretensões de alcançar o poder político brasileiro “realizar uma política democrática, do ponto de vista dos trabalhadores, tanto no plano econômico quanto no plano social”.

O PT quer atuar não apenas nos momentos das eleições, mas, principalmente, no dia-a-dia de todos os trabalhadores, pois só assim

⁷ Fonte: <http://www.pt.org.br/wp-content/uploads/2014/04/manifestodefundacaopt.pdf>

será possível construir uma nova forma de democracia, cujas raízes estejam nas organizações de base da sociedade e cujas decisões sejam tomadas pelas maiorias”. (MANIFESTO)

O partido acolheu uma estrela vermelha como seu símbolo. O PT foi oficialmente registrado em 11 de fevereiro de 1982 pela justiça eleitoral e ganhou o número 13 como identificador.

Na década de 1980, o partido encabeçou movimentos que pediram eleições diretas para a presidência da República. Após as Diretas Já, mas na eleição indireta para o Palácio do Planalto em 1985, o PT se recusou a participar do movimento no Congresso Nacional que acabou elegendo Tancredo Neves como presidente da República. Contra a ideia de eleição indireta, o partido expulsou três deputados que participaram da votação: Bete Mendes, Aírton Soares e José Eudes.

Desde então, o partido buscou sempre estar à frente dos movimentos de esquerda do país e participativo em eleições, sejam elas gerais ou municipais. Desde 1989, o PT sempre lança candidaturas à presidência da República. Das sete eleições que o país teve desde então, Luiz Inácio Lula da Silva concorreu por cinco vezes e venceu em duas ocasiões (2002 e 2006). As outras duas vitórias petistas foram com Dilma Rousseff (2010 e 2014).

5.4.1. As primeiras corridas presidenciais

Em 1989, a primeira corrida pela presidência da República. O partido lançou o então deputado federal Luiz Inácio como candidato. Seu candidato à vice foi o ex-senador José Paulo Bisol (PSB). O sindicalista apresentou uma campanha de alerta, que se sintetizava com o slogan: “Brasil urgente, Lula presidente”. No programa de governo⁸, o partido apresentou, de fato, o discurso pró-trabalhadores ao país inteiro. Na pauta, a democracia.

Todas as nossas propostas podem ser resumidas numa só palavra: democracia. Democracia sem adjetivos, sem condicionantes, sem segundas intenções. Democracia, baseada na mais ampla participação da sociedade e no mais rigoroso controle das bases populares sobre o aparelho de Estado. (PROPOSTA)

⁸ <https://fpabramo.org.br/csbh/wp-content/uploads/sites/3/2017/04/01-democracia.pdf>

Naquele ano, Lula concorreu com outros 21 candidatos, mas foi o embate com Fernando Collor de Mello – candidato do pouco conhecido PRN (Partido da Reconstrução Nacional – que movimentou aquela eleição. No segundo turno da corrida pelo Planalto, Collor venceu Lula com uma diferença de pouco mais de 4,01 milhões de votos. Em 1992, Collor sofre um impeachment.

Cinco anos depois, o partido volta a lançar Lula como candidato à presidência da República. Diferentemente do que ocorreu em 1989, o candidato a vice-presidente foi do próprio PT: Aloizio Mercadante. Desta vez, seu principal concorrente foi Fernando Henrique Cardoso, do PSDB. Lula perdeu a eleição já no primeiro turno com cerca da metade dos votos do tucano. Além de Lula, a corrida eleitoral de 1994 foi marcada pelo icônico Enéas Carneiro, do PRONA (Partido da Reedificação da Ordem Nacional). O ex-militar (que também atuou como médico cardiologista, físico, matemático, professor, escritor e deputado federal) alcançou o terceiro lugar no pleito, com 4,6 milhões de votos.

Na tentativa de seguir no Palácio do Planalto, Fernando Henrique Cardoso conseguiu aprovar uma emenda constitucional que permitia a reeleição para cargos do Poder Executivo. No entanto, grampos telefônicos publicados pelo jornal Folha de S. Paulo revelaram conversas em que um deputado (Ronivon Santiago) afirmava que ele e outros parlamentares receberam R\$ 200 mil para votar a favor da proposta. O dinheiro teria sido pago pelo então governador do Acre, Orleir Cameli. Mesmo com a revelação, Fernando Henrique Cardoso conseguiu se reeleger presidente da República em 1998.

Em números absolutos e proporcionais, Lula teve um desempenho melhor que 1994. Ao lado de Leonel Brizola, foram 21,4 milhões de votos em todo o país, o correspondente a 31,71% dos votos válidos daquela eleição. Lula venceu em dois estados: Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul.

5.4.2. A vitória de 2002

Depois de três tentativas frustradas, eis que em 2002 Lula ganha a eleição presidencial. Mas antes da disputa de outubro, o petista divulgou a Carta ao Povo Brasileiro, que foi vista como uma medida para acalmar e conseguir o apoio do mercado financeiro brasileiro. No documento o então candidato à presidência se mostrou aberto para conversar com o mercado.

O novo modelo não poderá ser produto de decisões unilaterais do governo, tal como ocorre hoje, nem será implementado por decreto, de modo voluntarista. Será fruto de uma ampla negociação nacional, que deve conduzir a uma autêntica aliança pelo país, a um novo contrato social, capaz de assegurar o crescimento com estabilidade. (LULA DA SILVA, 2002)

Ao lado do candidato a vice-presidente José Alencar (PL), o ex-operário do ABC paulista conquistou o voto de mais de 52,7 milhões de eleitores no segundo turno da disputa com José Serra, do PSDB⁹. Com mais de 61% dos votos válidos, Lula venceu a disputa em 26 estados. A exceção foi Alagoas, onde o adversário tucano venceu. Lula tomou posse em 1º de janeiro de 2003 e dava início ao governo “de todos”.

O ex-presidente montou um corpo ministerial com nomes variados, como Antônio Palocci (Fazenda), José Dirceu (Casa Civil) e Gilberto Gil (Cultura), incluindo na lista Henrique Meirelles (Banco Central). O primeiro mandato o governo de Luiz Inácio Lula da Silva focou na criação em programas sociais como Fome Zero e Bolsa Família. Com Lula o Brasil assumiu um papel importante na política internacional ao se impor como uma economia emergente ao lado de países como a China, a Rússia e a Índia (que anos depois fundariam o BRICS, bloco econômico das economias emergentes).

Em 2006, Lula se candidatou à reeleição, e novamente, em segundo turno, venceu a disputa contra um candidato tucano. Dessa vez o PSDB lançou o governador de São Paulo, Geraldo Alckmin. Lula o venceu com 58,2 milhões de votos, o correspondente a 60,83% dos votos válidos. O ex-presidente recebeu o apoio de uma coalizão formada por 12 partidos diferentes: além do próprio PT, formaram uma corrente de apoio PMDB, PP, PR, PDT, PSB, PV, PC do B, PRB, PSC, PTB e PAN.

O governo Lula alcançou bons resultados na área econômica. Em 2003, no primeiro ano de mandato, o governo petista entregou uma alta no PIB (Produto Interno Bruto) de 1,2%. No ano seguinte, o avanço foi de 5,4%. O pior resultado foi em 2009 (-0,2%) quando houve uma crise econômica mundial. No último ano de

⁹ <http://www.justicaeleitoral.jus.br/arquivos/tse-relatorio-resultado-eleicoes-2002>

governo, o governo Lula registrou um crescimento na economia de 7,6%.

Em um governo popular no Brasil e no exterior, Lula apresentou o país para o mundo. Não à toa, um dos episódios que marcaram sua relação com o exterior foi quando o ex-presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, classificou o petista como “o cara” da política na América Latina¹⁰. Outros exemplos foram as escolhas do Brasil como sede da Copa do Mundo de futebol de 2014, do Rio de Janeiro como sede das Olimpíadas em 2016, além da realização dos Jogos Pan-Americanos na capital fluminense em 2007.

5.4.3. A candidatura da “presidenta”

Em 2010, Lula deixou o Palácio do Planalto com uma aprovação de 87%, de acordo com o Ibope¹¹. A pesquisa foi encomendada pela CNI (Confederação Nacional da Indústria). Com a alta popularidade, o PT trabalhou na candidatura da ex-ministra da Casa Civil do governo, Dilma Rousseff para a sucessão de Lula no cargo de presidente da República. E conseguiu. O PT transformou a ex-ministra e deu o toque de marketing necessário para a corrida presidencial. Além de trabalho na estética da candidata, o PT teve que convencer os eleitores que Dilma (de origens no PDT) estava apta a assumir o posto e ser a primeira mulher presidente do país. Na ocasião, o PT fechou aliança com o PMDB e lançou a ex-ministra ao lado do deputado e ex-presidente da Câmara, Michel Temer, para concorrer ao Palácio do Planalto.

As eleições de 2010 voltaram a mostrar a polarização da disputa entre PT e PSDB. Depois de passar um período como governador de São Paulo, José Serra voltou a se candidatar à presidência. Dessa vez, contudo, um terceiro nome despontou como pedra no sapato dos grandes partidos na corrida presidencial. Era o de Marina Silva, candidata pelo PV (Partido Verde). Ex-petista, a ex-senadora pelo Acre conquistou 19,33% dos votos válidos no primeiro turno (mais de 19 milhões de votos), ficando atrás de Dilma e Serra.

Nos segundo turno, a petista somou 55,7 milhões de votos, o que representa 56,05% do total. Serra somou 43,7 milhões de votos (43,95% dos válidos). Em 31 de outubro de 2010 estava eleita a primeira mulher a governar o

¹⁰ http://www.bbc.com/portuguese/multimedia/2009/04/090402_lulaobamavideo.shtml

¹¹ <http://g1.globo.com/politica/noticia/2010/12/popularidade-de-lula-bate-recorde-e-chega-87-diz-ibope.html>

Brasil República.

Em 1º de janeiro de 2011, Dilma Rousseff tomou posse para cumprir um mandato até 2014. No discurso de posse, a ex-ministra do governo Lula comemorou os avanços da gestão anterior.

Vivemos um dos melhores períodos da vida nacional: milhões de empregos estão sendo criados; nossa taxa de crescimento mais que dobrou e encerramos um longo período de dependência do FMI, ao mesmo tempo em que superamos nossa dívida externa.

Reduzimos, sobretudo, a nossa histórica dívida social, resgatando milhões de brasileiros da tragédia da miséria e ajudando outros milhões a alcançarem a classe média.

Mas, em um país com a complexidade do nosso, é preciso sempre querer mais, descobrir mais, inovar nos caminhos e buscar novas soluções. (ROUSSEFF, 2011)

Dilma foi reeleita para o cargo em outubro de 2014 em uma nova disputa polarizada com o PSDB. Dessa vez, o candidato tucano era o senador e ex-governador de Minas Gerais, Aécio Neves. Foi a eleição mais disputada desde 1989. Dilma venceu o candidato do PSDB no segundo turno com 51,64% dos votos válidos. O tucano chegou a pedir auditoria ao TSE sobre a “lisura” da disputa.

Em suma, os 6 anos e 5 meses de governo Dilma foram marcados principalmente por incertezas econômicas. Logo no primeiro ano de mandato, o PIB ficou abaixo do último resultado do governo Lula: 3,9%. Nos anos seguintes, as taxas ficaram ainda menores:

Período	Variação
2011	3,9%
2012	1,8%
2013	2,7%
2014	0,1%
2015	-3,8%
Janeiro a Março de 2016	-0,3%

Tabela 1: histórico do PIB (Produto Interno Bruto) no governo Dilma Rousseff ¹²

A balança comercial brasileira também registrou instabilidade durante os anos em que Dilma Rousseff esteve no poder. Em 2014, ano que o Brasil esteve nos holofotes do planeta com a realização da Copa do Mundo de futebol, a balança registrou o primeiro déficit do século.

Período	Saldo (em US\$ bilhões)
Até maio de 2016	19,681
2015	19,681
2014	-3,959
2013	2,561
2012	19,438
2011	29,790
2010 (governo Lula)	20,278

Tabela 2: histórico da Balança Comercial no governo Dilma Rousseff ¹³

Os dados gerais sobre a economia afetaram também o desempenho do emprego no país. Quando Dilma foi afastada em maio de 2016, o desemprego atingia um percentual de 10,9%, diferente dos 6,1% registrados quando ela tomou posse.

5.4.4. A queda da primeira presidente mulher

Mas vale lembrar que o desempenho de Dilma como presidente não dependeu apenas dela. No jogo político de Brasília, o apoio do Congresso Nacional na aprovação de medidas econômicas também é de suma importância para o governo federal. E Dilma sofreu com essas relações. Conhecida por ser uma presidente “linha dura” (imagem constantemente explorada pela grande mídia), a petista enfrentou dificuldades com o Congresso. O auge desse conflito ocorreu quando Eduardo Cunha (PMDB-RJ) foi eleito presidente da Câmara dos Deputados.

E uma guerrilha do Palácio do Planalto com grupos do Congresso Nacional provocou a maior crise política dos últimos anos no país. Apoiados em

¹² Fonte: IBGE

¹³ Fonte: Ministério da Indústria, Comércio Exterior e Serviços

manifestações populares que surgiram em junho de 2013, parlamentares iniciaram discursos mais inflamados sobre a gestão de Dilma Rousseff e passaram a ser agentes de organização de movimentos nas ruas. Associados aos discursos de procura por Justiça após denúncias de corrupção (que também envolviam políticos opositoristas ao governo), esses grupos ganharam força em 2015 e se institucionalizaram. Formaram-se, assim, o MBL (Movimento Brasil Livre) e o Vem Pra Rua, por exemplo. Em meio a esse fascínio pela Justiça, surgiram grupos que até pedem a volta da ditadura militar e da reconstituição da monarquia no Brasil.

O povo foi às ruas, mas as motivações políticas pela queda de Dilma Rousseff foram debatidas com mais força nos gabinetes e nos plenários de Brasília. O impeachment da primeira mulher presidente do Brasil teve sim motivações políticas. Não as considero como um “golpe parlamentar” como o PT vende, mas seria ingenuidade acreditar que Dilma caiu apenas pela “força popular” dos grupos conservadores do país.

Em um toma-lá-dá-cá com petistas no Conselho de Ética da Câmara, Eduardo Cunha anunciou em 2 de dezembro de 2015 a apreciação de um pedido de impeachment da presidente elaborado pelos juristas Hélio Bicudo e Miguel Reale Jr. e da professora de Direito da USP (Universidade de São Paulo), Janaína Paschoal. A decisão ocorreu após o líder do PT na Casa na época, Sibá Machado (AC), declarar que o PT votaria pela admissibilidade do pedido de cassação do mandato do presidente da Câmara. Cunha foi acusado de mentir na CPI (Comissão Parlamentar de Inquérito) da Petrobras sobre ter contas bancárias no exterior.

O processo de impeachment de Dilma virou uma batalha de discursos e argumentações. Afinal, ela cometeu ou não crime?

Os juristas acusaram Dilma de ter cometido crime de responsabilidade fiscal ao promover “pedaladas” nas contas do governo federal. O governo da petista empurrou para a Caixa Econômica Federal e ao Banco do Brasil contas que deveriam ter sido pagas com dinheiro do Tesouro Nacional, deixando de ressarcir o BNDES (Banco Nacional do Desenvolvimento) em linhas de financiamento subsidiadas. O governo atrasou os repasses aos bancos, obrigando que eles repassassem os próprios recursos para o pagamento de benefícios sociais, como o Bolsa Família.

A defesa da ex-presidente apresentou diversas alegações, entre elas, que houve um esforço descomunal de interpretação dos artigos utilizados para

exemplificar as pedaladas fiscais.

Não deu para Dilma. Em 17 de abril de 2016, por 367 votos a favor e 137 contra, a Câmara dos Deputados (em sessão presidida por Eduardo Cunha) aprovou a abertura do processo de impeachment da petista. Até então deputados, aqueles que votaram a favor da queda da presidente foram agraciados com ministérios e cargos no governo federal.

O processo foi ao Senado, presidido à época por Renan Calheiros (PMDB-AL). Lá, Dilma foi afastada temporariamente para sua defesa em 12 de maio de 2016. Meses depois, em 31 de agosto de 2016, após longas sessões de defesa e acusação, Dilma Rousseff foi afastada definitivamente do cargo. Foram 61 votos a favor da queda diante de 20 contrários. No julgamento final, Dilma sofreu o revés com a força de antigos aliados, como Cristovam Buarque (PPS-DF) e Telmário Mota (PDT-RR), e de ex-ministros, como Edson Lobão (PMDB-MA) e Eduardo Braga (PMDB-AM).

Embora retirado o direito ao cargo, o Senado salvou os direitos políticos de Dilma Rousseff. Diferente do que ocorreu com Fernando Collor de Mello, que precisou esperar oito anos para voltar a concorrer a um cargo eletivo, Dilma teve mantida a possibilidade de se candidatar a qualquer cargo já a partir de 2018.

5.4.5. “Pequenos” e grandes escândalos

A queda do governo de Dilma Rousseff em 2016 foi apenas mais um “caos” na história política do PT. Desde que chegou ao poder, os governos petistas foram mais expostos a denúncias de corrupção. Em 2004, no segundo ano do mandato de Lula, a primeira crise: o escândalo dos Bingos. O então assessor do ministro da Casa Civil José Dirceu, Waldomiro Diniz, apareceu em uma gravação extorquindo o bicheiro Carlinhos Cachoeira com objetivo de arrecadar fundos para a campanha eleitoral do PT e do PSB à prefeitura do Rio de Janeiro em 2004. Em troca, Cachoeira seria beneficiado em uma concorrência pública do governo.

Figura 5: reproduções do jornal O Globo sobre escândalos do governo Lula

Sexta-feira, 20 de fevereiro de 2006 O GLOBO O PAÍS • 9

ESCÂNDALO DA PROPINA: Liminar obtida pela Loterj no TRF interrompeu inquérito e atrapalhou as investigações

Procurador pede quebra de sigilo de Waldomiro

Ministério Público Federal e PF apuram o envolvimento de ex-assessor da Casa Civil com fraudes em bingos

Ótica: Otávio

• A procuradoria da República pediu ontem à Justiça Federal a quebra do sigilo bancário, fiscal e telefônico de Waldomiro Dória, ex-presidente da Loterj e ex-assessor de Assuntos Parlamentares da Casa Civil. A investigação, porém, não se refere ao conteúdo com o qual Carlos Augusto Gomes, o Carlinhos Cachoeira, o possuído e baço em inquérito que investiga crimes de sonegação fiscal, apropriação indébita, corrupção e lavagem de dinheiro supostamente praticados por 13 banguês do Rio de Janeiro.

Após de Waldomiro, o Ministério Público Federal pediu a quebra do sigilo bancário, fiscal e telefônico de Daniel Rossetti de Carvalho, seu assessor na presidência da Loterj. O inquérito, instaurado em 2001 pela Delegacia de Combate ao Crime Organizado e Inquérito Especial (Deicorgo), da Polícia Federal, investiga os bingos Scala e Waldomiro, a Loterj, Francisco Roca, Vilas, Antônio Vitor Nunes, Waldomiro e Daniel.

O procurador da República José Augusto Nogueira disse ontem que o pedido foi motivado pela denúncia de divulgação contra Waldomiro.

— Desde da época em que já é público e notório, a mídia e as instituições têm contra investigação sobre bingos.

No Rio, bingos teriam caixa dois

• O inquérito foi instaurado há três anos depois que o Instituto Nacional de Botânica (Instituto de Botânica) denunciou a

Waldomiro, inquérito investiga sonegação fiscal, apropriação indébita, corrupção e lavagem de dinheiro

Todos investigam

A CONFERÊNCIA em que Waldomiro pede detenção a Carlinhos

• O escândalo provocado pelas conversas entre Waldomiro Dória, ex-assessor de Assuntos Parlamentares da Polícia do Planalto, e o Carlinhos Cachoeira, presidente da Loterj, e o ministro da Justiça, Carlos Augusto Gomes, também constitui o trabalho em 30 dias.

No Senado, um integrante da base aliada, o senador Magno Malta, conseguiu o apoio de 32 senadores para a criação de uma CPI sobre o funcionamento dos bingos.

Após a divulgação do caso, o Senado decidiu criar a CPI para investigar a gestão de Waldomiro Dória na presidência da Loterj.

Outro, o secretário de O Palácio do Planalto e o governo brasileiro criaram comissões de investigação para apurar os fatos. O Ministério Público Federal realizou um inquérito sobre bingos.

O GLOBO

ESTRELA MARINHEIRA (RIO) RIO DE JANEIRO, QUARTA-FEIRA, 15 DE FEVEREIRO DE 2006 • ANO LXXX • Nº 25.766 • WWW.OGLOBO.COM.BR

Escândalo leva Lula a proibir bingos

MP sai quatro dias após presidente ter proposto, em mensagem ao Congresso, a regulamentação do jogo

• Quatro dias após enviar mensagem ao Congresso propondo a regulamentação do jogo, o presidente Lula anunciou ontem em Casa do Sul (RS) a decisão de proibir o jogo em todo o país. O presidente também anunciou a criação de uma comissão de investigação para apurar os fatos.

Lula: todos os indícios vão ser investigados até o fim

• Na primeira reunião pública sobre o crime, o presidente Lula disse ontem que não haverá política de corrupção em seu governo que não seja investigada até o fim. Lula mencionou também que parte que se pretende "tomar o tempo de investigar o crime".

Geac: Waldomiro convocou reunião para tratar da CEF

• Sobre o Geac, o Brasil diz que o dirigente da empresa se encontrava com Waldomiro Dória e pediu do seu assessor para tratar do contrato com a Casa Econômica Federal, em 2000. A versão contrária a de Waldomiro diz que a versão "Espec".

CRISTIANO

• A decisão de fechar os bingos pode diminuir os parâmetros que se encontram em grande risco de se tornarem o colar da operação política.

Crédito: Reprodução

As crises políticas do PT tiveram seu ápice em 2005, com o escândalo do Mensalão. A denúncia era basicamente que o governo federal comprova o apoio de parlamentares no Congresso Nacional. As denúncias resultaram na cassação do mandato de deputado de José Dirceu. O ex-presidente Lula sempre negou participação no esquema. As investigações sobre o escândalo se estenderam até 2008 com a eclosão da Operação Satiagraha.

Figura 6: reproduções de capas dos jornais O Globo e O Estado de S. Paulo sobre o Mensalão



Crédito: Reprodução

Em 2006, Antônio Palocci renunciou ao cargo de ministro da Fazenda após ser acusado de chefiar um esquema de corrupção quando era prefeito de Ribeirão Preto (SP) e de que teria participação na quebra ilegal do sigilo bancário de Francenildo Costa, um caseiro. Caixa Econômica, Jorge Mattoso, de participação na quebra ilegal do sigilo bancário de Francenildo Costa, caseiro de uma mansão utilizada para reuniões nada republicanas do ministro.

Em 2009, a Polícia Federal prendeu dois membros do PT (um deles, Hamilton Lacerda, era assessor do então senador Aloizio Mercadante) acusados de tentarem negociar um falso dossiê por R\$ 1,7 milhão que ligaria os tucanos José Serra e Geraldo Alckmin ao escândalo dos Sanguessugas (que investigava fraudes em licitações de compras de ambulâncias). O episódio ficou conhecido por escândalo dos “Aloprados”. Um dos acusados era ex-assessor de Aloizio Mercadante.

Em 2010, as polêmicas envolvendo o PT chegaram à ministra da Casa Civil, Erenice Guerra (ela substituiu Dilma Rousseff que deixou o cargo para concorrer à presidência). O empresário Fábio Barakat acusou o filho da ministra, Israel Guerra de cobrar 6% de propina em projetos que ele interviesse na aprovação do governo federal. Erenice pediu demissão em setembro daquele ano.

Já em 2011, Palocci voltou a perder o cargo de ministro após denúncias de corrupção. Dessa vez, era suspeito de enriquecimento ilícito e tráfico de influência quando era deputado federal.

No primeiro ano de mandato como presidente, Dilma perdeu diversos ministros suspeitos de ilicitudes, como Orlando Silva (Esporte), Wagner Rossi (Agricultura) e Mário Negromonte (Cidades).

Em 2012, José Dirceu, José Genoíno e Delúbio Soares foram condenados pelo STF (Supremo Tribunal Federal) por corrupção ativa e formação de quadrilha por conta do escândalo do Mensalão.

Em 2014, eclodiu a maior crise de governos petistas. A operação Lava-Jato – encabeçada pela Polícia Federal, pelo Ministério Público Federal e pela Justiça Federal – atingiu diversos nomes do PT, inclusive o ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva. As investigações surgiram com foco em desvios de recursos da Petrobras. O ex-tesoureiro do partido, João Vaccari Neto, foi preso em abril de 2015 e condenado a dez anos de prisão pelo juiz federal Sérgio Moro.

A operação Lava-Jato envolveu também os marqueteiros das campanhas presidenciais de Dilma Rousseff em 2010 e 2014, João Santana e Mônica Moura. O ex-senador Delcídio do Amaral foi preso em dezembro de 2015 acusado de tentar atrapalhar as investigações contra a cúpula do PT com a compra do silêncio de Nestor Cerveró, ex-executivo da Petrobras.

O ex-presidente Lula também foi alvo direto da operação. Em março de 2016, ele foi levado para depor coercitivamente em São Bernardo do Campo (SP). A relação do ex-presidente com empreiteiras, como a OAS e a Odebrecht é questionada pelos investigadores.

5.4.6. As correntes do PT

O PT, como toda grande organização social, possui correntes ideológicas internas. Há os grupos mais moderados e os considerados “mais à esquerda”. Isso ficou evidenciado durante o 6º Congresso Nacional do partido. A corrente Muda PT (que reúne grupos menores do partido), em apoio à candidatura do senador Lindbergh Farias (RJ) para a presidência do partido, o classificou como socialista e radical, diferentemente de Gleisi Hoffmann. “É socialista. É radical. É Lindbergh presidente nacional”, era o grito em apoio ao senador do Rio de Janeiro.

Gleisi Hoffmann, candidata do ex-presidente Lula, tinha apoio da CNB (Construindo um Novo Brasil), a majoritária no PT. Esse grupo tem dominado a condução do partido antes mesmo da chegada de Lula ao Palácio do Planalto.

Além das duas que se destacaram durante o evento, o PT também possui as correntes Articulação de Esquerda, Mensagem ao Partido, Democracia Socialista, O Trabalho, Novos Rumos, Esquerda Popular Socialista e Movimento PT.

Durante a escolha da nova Executiva e do novo diretório nacional do

partido, a CNB perdeu espaços que antes dominava. Dos 26 postos da Executiva Nacional do partido, a corrente ocupará 12 vagas. Conforme o jornalista André Shalders aponta em análise publicada no portal *Poder360* “o 2º maior partido brasileiro em número de filiados e de congressistas fica mais propenso à radicalização”.

5.4.7. O que esperar do PT para 2018?

Neste período pós-impeachment de Dilma Rousseff e pré-eleições de 2018, o PT tem ido às ruas. O partido tem tentado aproveitar a baixa popularidade do presidente Michel Temer para reconquistar a confiança de eleitores. Cabe lembrar que o PT perdeu mais da metade das prefeituras nas eleições municipais de 2016. O foco do partido é retomar a presidência da República. Sua cartada de mestre não é segredo. É Lula.

Lula adotou um discurso de que ainda não é oficialmente candidato à presidência, mas não dá para segurar a militância. Foi o que vimos no 6º Congresso Nacional do PT em junho de 2017. As lideranças do partido se sustentam nas pesquisas de opinião sobre a corrida pelo Palácio do Planalto.

Pelo andar da carruagem, 2018 pode ser um ano com um grande número de candidatos à presidência. No cenário atual, Lula concorreria com Ciro Gomes (PDT), Marina Silva (Rede Sustentabilidade), Álvaro Dias (Podemos, ex-PTN), Ronaldo Caiado (DEM), Jair Bolsonaro (PSC), Chico Alencar (PSOL), Eduardo Jorge (PV). Além disso, alguns nomes ainda não confirmados de outros partidos, entre eles o PSDB, que enfrenta uma indefinição envolvendo Geraldo Alckimin e João Doria. Aécio Neves – por conta do grande número de acusações – e José Serra – por questões de saúde –, já são considerados cartas fora do baralho. Figuras folclóricas como José Maria Eymael (PSDC), Levy Fidelix (PRTB) e nomes do PSTU e PCO também devem concorrer. Embora tenham direito a poucos segundos, qualquer exposição é lucro para essas siglas.

6. METODOLOGIA

6.1. A pauta

O Partido dos Trabalhadores comemora 37 anos de fundação em 2017. Considerado como o maior partido de movimentos de esquerda do país, o PT (e a maioria dos agentes políticos do país) se questiona sobre como o partido irá

enfrentar o futuro visto que foi alvo de um impeachment em 2016 e que sofreu uma grande derrota das urnas nas eleições municipais. Este projeto quer saber:

- Onde o PT errou?
- O presidente Michel Temer tem mais ajudado que prejudicado a imagem do PT?
- Onde o PT quer parar?
- Até quando o PT se sustentará na imagem do presidente Lula?
- Investir no ex-presidente não é sinal de extremo desgaste e falta de renovação de lideranças do partido?
- Que partido o PT quer entregar às militâncias minoritárias (juventude, mulheres, negros, LGBTs)?

O que fazer?

Acompanhar os bastidores no Congresso Nacional e participar da cobertura da eleição da nova Executiva Nacional do PT.

Indicações:

Procurar assessorias de imprensa de senadores, deputados e dos escritórios do partido a nível nacional e regional. A militância será ouvida durante o 6º Congresso Nacional do PT, em Brasília.

No entanto, com o amadurecimento da pauta, notou-se uma necessidade de focar no olhar e nas opiniões da militância do partido. O que eles pensam sobre o futuro do partido? Eles tem algum medo sobre a caminhada do PT? O que eles acham sobre renovação política? O presidente Lula é, de fato, a melhor opção para eles para concorrer à presidência da República em 2018?

6.2.6º Congresso Nacional do PT – Marisa Letícia Lula da Silva

O 6º Congresso Nacional do Partido dos Trabalhadores ocorreu em Brasília (DF) entre os dias 1 e 3 de junho de 2017. A edição ganhou o nome da ex-primeira-dama do Brasil, Marisa Letícia Lula da Silva, morta em fevereiro de 2017. As mulheres ditaram o ritmo do evento. Os grupos feministas do partido fizeram barulho, aprovaram projetos e ajudaram a eleger a primeira mulher para presidir o PT em nível nacional.

A senadora Gleisi Hoffmann (PR) concorreu com o companheiro de Senado Federal, Lindbergh Farias (RJ) e o militante pernambucano José de Oliveira. Sob o apoio do ex-presidente Lula, a paranaense recebeu 367 dos 600 votos possíveis dos delegados com direito a voto. Lindbergh recebeu 226.

O evento buscou agregar uma imagem de inclusão às minorias dentro do próprio partido, como negros, jovens, indígenas. Na identidade visual isso ficou bem claro.

Figura 7: a identidade visual do 6º Congresso Nacional do PT



Crédito: Reprodução

Além disso, lançou uma campanha interna para a valorização da luta social do PT. Em uma música apresentada na abertura das programações do congresso, a Executiva convoca os petistas a lutar pelo PT e pelo Brasil. Eis a íntegra da letra¹⁴:

Vem de todo canto nossa força pra cantar / Se eu cantar daqui lá no
Chuí vão escutar / Quando lá no norte o canto forte desaguar / Na
Ponta do Seixas vão ouvir o rio moar / Se a gente luta junto, / Se a
gente segue junto, / Se a gente canta junto não tem quem possa
calar / Não é de hoje não / Que a gente sabe rimar emprego com
cidadão / Rima família com lar / E esse canto rimou comida e mesa
da gente / Rimou governo com povo / E o povo com presidente / E
quando brilha a estrela, / Cabe todo mundo da nação / O povo não é
problema / O povo nunca foi problema / O povo sempre foi solução /
Vem cada um de nós / É mais de cem mais de mil / Lutar pelo PT / É
lutar pelo Brasil / Partido, partido! É dos trabalhadores!

¹⁴ Fonte: Youtube: *Lutar pelo PT é Lutar pelo Brasil!* | Vídeo do 6º Congresso Nacional do PT
https://www.youtube.com/watch?v=NX3_inq-3tw

(PARTIDO DOS TRABALHADORES)

O Congresso, contudo, não deixou de ter polêmicas. No último dia de evento e de deliberações, um polêmico encerramento sem a votação de duas propostas apresentadas ao partido não foram levadas adiante. A Juventude do PT e os coletivos LGBT cobravam pautas específicas para os grupos, mas logo após discurso de posse de Gleisi Hoffmann o evento foi encerrado. Em um ato simbólico, a Juventude do partido votou a aprovação da destinação de 5% do fundo partidário do PT para esse grupo. A votação contou com o apoio de delegados que permaneceram no auditório.

6.3. Contatos e assessorias

Ao longo do projeto, assessorias de imprensa de deputados e senadores do PT foram acionadas para a interlocução e negociação de entrevistas. Algumas atenderam as demandas apresentadas. Outras não. Um ponto perceptível foi a aversão e o incômodo que a imprensa provoca nos parlamentares do partido, embora desde o início o projeto tenha se apresentado sempre com fins acadêmicos. Fui a gabinetes, rodei por plenários, mandei mensagens privadas. Insisti e tive bons retornos.

Dois bons exemplos de contatos via assessorias de imprensa ocorreram com as equipes das senadoras Gleisi Hoffmann (PR) e Regina Sousa (PI). Os gabinetes das parlamentares atenderam de prontidão as demandas e acompanharam as entrevistas concedidas com exclusividade para o projeto.

Figura 8: reprodução do trecho da entrevista com a senadora Gleisi Hoffmann



Crédito: Reprodução

Figura 9: reprodução do trecho da entrevista com João Paulo Farina



Crédito: Reprodução

Figura 11: reprodução do trecho da entrevista com Arlete Sampaio



Crédito: Reprodução

6.4. Equipamentos

Os equipamentos para filmagens foram disponibilizados pela equipe técnica da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília. Em empréstimos, foram disponibilizados câmera de gravação em alta definição (1080p), microfone de lapela e tripé de sustentação para a câmera.

6.5. O produto final

O site (<http://www.eagoracompanheiros.com>) foi desenvolvido diretamente na plataforma do Wix¹⁵. Com base em template pré-moldado, fiz alterações e apliquei uma identidade visual básica, focando na cor principal do PT, o vermelho. O site conta com apenas uma página, sem links para navegação interna.

Figura 12: reprodução da página inicial do portal

¹⁵ Fonte: Wix: <http://pt.wix.com/>



Crédito: Reprodução

Figura 13: texto inicial de contextualização

2017: AQUI E AGORA

O Brasil atravessa em 2017 o período mais conturbado de sua história política moderna. Um furacão de denúncias de corrupção abateu-se especialmente sobre os agentes públicos e empresários que movimentam os plenários, gabinetes e salões da Esplanada dos Ministérios. O ano pós-impeachment e pré-eleição presidencial é marcado pela dúvida. E em meio às denúncias, os grandes partidos se veem na tentativa de sobrevivência política. A lista traz nomes de legendas históricas como o PMDB (Partido do Movimento Democrático Brasileiro), o PSDB (Partido da Social Democracia Brasileira) e o PP (Partido Progressista), e de legendas com pouca expressão, como o PTC (Partido Trabalhista Cristão). Mas no centro das grandes denúncias está o PT, o Partido dos Trabalhadores.

Embora a militância questione o tratamento dado à cobertura da mídia e sobre a qualidade de denúncias, não se deve deixar de lado o fato que dois ex-presidentes da República investigados por corrupção são filiados à legenda. As figuras de Luiz Inácio Lula da Silva e de Dilma Vana Rousseff sintetizam a glória e o caos vividos por aquele que é considerado o maior partido de esquerda da América Latina.

Crédito: Reprodução

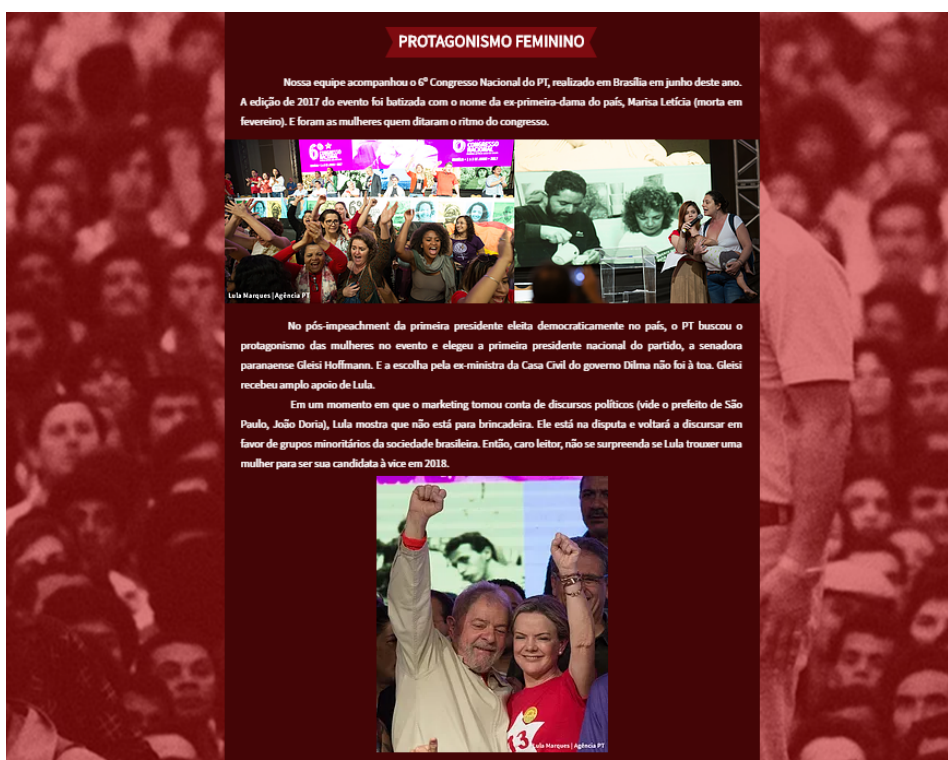
Figura 14: texto “a glória e o caos do PT”



Crédito: Reprodução

Link para vídeo: <https://www.youtube.com/watch?v=Qh8BbMFbXig>

Figura 15: texto “Protagonismo Feminino”



Crédito: Reprodução

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este projeto foi um grande desafio para mim. Em tempos de dinamização do jornalismo, tive que sair do lugar comum e dialogar com novas tecnologias e meios aos quais não estava acostumado. Planeja, telefona, pega o equipamento, grava a entrevista e edita. Fiz tudo isso sozinho. Pôr em prática uma ideia sem nenhum tipo de parceria foi o maior aprendizado deste produto: não se faz comunicação sozinho.

Esse projeto serviu de prova sobre a imprevisibilidade e dinamismo do jornalismo digital. Cada passo dado foi bem aproveitado e engrossou a camada-base da minha formação profissional. Foi como estudante que vi que a política vai muito além do discurso. O que temos por trás das entrevistas, as declarações, as entrelinhas são muito mais valiosas e necessárias que os “pronunciamentos em cadeia nacional”.

No entanto, ainda devo estudar muito! Idealizar e realizar esse projeto me deu uma certeza: o jornalismo está vivo. Basta querer vive-lo. Quero fazer mais. Não por mim, mas pela sociedade.

Foram incontáveis contatos com assessorias e com possíveis personagens. Mais do que ouvir não, tive que aprender a lidar com a indiferença de algumas fontes. Embora argumentasse que era um produto acadêmico, muitos se recusaram a participar.

8. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

QUADROS, Claudia Irene de; QUADROS JR. Itanel Bastos de; MASIP, Pere. **Webtelejornalismo: da forma ao sentido. Os casos de Gazeta do Povo e La Vanguardia**. Revista Galáxia, São Paulo, n. 20, p. 161-177, 2010.

RENAULT, Letícia. **Webtelejornalismo: telejornalismo na web**. Brasília, 2013.

CRUZ NETO, João Elias da. **Reportagem de televisão: como produzir, executar e editar**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008

MACIEL, Pedro. **Jornalismo de televisão: normas práticas**. Porto Alegre: Sagra, 1995.

ATTLEE, Clement. **Bases e fundamentos do trabalhismo**. Brasília: Instituto Teotônio Vilela, 1998.

PATERNOSTRO, Vera Íris. **O texto na TV: manual de telejornalismo**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2006.

TCHÉKHOV, Anton Pávlovitch. **Um bom par de sapatos e um caderno de anotações: como fazer uma reportagem**. São Paulo: Martins, 2007.

BETTO, Frei. **Lula: um operário na presidência**. São Paulo: Caros Amigos, 2003.

MARQUES, Márcia, RAMALHO, Alzimar. **Aprender a aprender em rede: manual pedagógico**. Márcia Marques (org.). Brasília: Editora JFM, 2017.

MANIFESTO, de fundação do PT. São Paulo, 1980.

LULA DA SILVA, Luiz Inácio. **Carta ao povo brasileiro**. São Paulo, 2002.

ROUSSEFF, Dilma. **Discurso de posse**. Brasília, 2011.

PAIM, Antonio. **Para entender o PT**. Londrina: Edições Humanidades, 2002.